

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS ARAPIRACA
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TAYSA SAMPAIO LEITE

**IMPLICAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS QUE AFETAM A APRENDIZAGEM NOS
ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: FOCO NA AVALIAÇÃO**

ARAPIRACA-AL

2023

TAYSA SAMPAIO LEITE

Implicações internas e externas que afetam a aprendizagem nos anos finais do
Ensino Fundamental: foco na avaliação

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao
Curso de Letras Língua Portuguesa, Universidade
Federal de Alagoas – Campus Arapiraca como
requisito parcial para obtenção do grau de
licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eliane Vitorino de Moura
Oliveira.

Arapiraca - AL

2023



Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
Biblioteca Setorial Campus Arapiraca - BSCA

L533i	Leite, Taysa Sampaio Implicações internas e externas que afetam a aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental: foco na avaliação / Taysa Sampaio Leite. – Arapiraca, 2023. 13 f. Orientadora: Profa. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira. Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Universidade Federal de Alagoas, <i>Campus Arapiraca</i>, Arapiraca, 2023. Disponível em: Universidade Digital (UD) – UFAL (<i>Campus Arapiraca</i>). Referências: f. 12-13. 1. Letras. 2. Ensino e aprendizagem. 3. Processo de avaliação. I. Oliveira, Eliane Vitorino de Moura. II. Título. CDU 81
-------	---

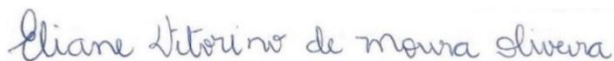
Taysa Sampaio Leite

Implicações internas e externas que afetam a aprendizagem nos anos finais do Ensino Fundamental: foco na avaliação

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Arapiraca, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 04/04/2023

Banca Examinadora



Profa. Dra. Eliane Vitorino de Moura Oliveira
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Orientadora)



Prof. Dr. Elias André da Silva
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Campus Arapiraca
(Examinador)



Prof. Esp. Thomaz Lima
Fac. Raimundo Marinho
(Examinador)

IMPLICAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS QUE AFETAM A APRENDIZAGEM NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: FOCO NA AVALIAÇÃO

INTERNAL AND EXTERNAL IMPLICATIONS AFFECTING LEARNING IN THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL: FOCUS ON ASSESSMENT

Taysa Sampaio Leite¹
Eliane Vitorino de Moura Oliveira²

RESUMO: A aprendizagem se dá a partir de uma prática educacional voltada para a mutualidade de conhecimento entre professor e aluno, o que exige estudos aprofundados a esse respeito. Diante disso, a presente pesquisa, de natureza bibliográfica, reflete sobre implicações internas e externas à escola sobre a aprendizagem, focando no processo da avaliação, olhando para instrumentos, modelos e processos que servem para avaliar o desempenho e o desenvolvimento da aprendizagem e ainda consequências que alguns métodos avaliativos podem causar no aluno, além de trazer à tona fatores externos ao ambiente escolar que têm peso sobre a aprendizagem e, com isso, na avaliação. A base principal está nos estudos de Luckesi (2008).

Palavras-chave: ensino e aprendizagem; métodos avaliativos; processo de avaliação.

ABSTRACT: Learning takes place from an educational practice focused on the mutuality of knowledge between teacher and student, which requires in-depth studies in this regard. In view of this, the present research, of a bibliographical nature, reflects on internal and external implications of the school on learning, focusing on the evaluation process, looking at instruments, models and processes that serve to evaluate the performance and development of learning and even consequences that some evaluation methods can cause in the student, in addition to bringing to light factors external to the school environment that have a bearing on learning and, therefore, on the evaluation. The main base is in the studies of Luckesi (2008).

Keywords: teaching and learning; evaluative methods; assessment process.

¹ Graduanda em licenciatura de Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas – Campus de Arapiraca. E-mail: taysa.sampaio.tsll@gmail.com

² Docente no Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas, campus Arapiraca. Docente no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura – PPGLL/FALE/UFAL. Coordenadora Pedagógica Português Rede Andifes-IsF UFAL. E-mail: eliane.oliveira@arapiraca.ufal.br

1 INTRODUÇÃO

Avaliar é um dos grandes espinhos do processo educativo. Tradicional ou inovadora, a avaliação é um processo que traz implicações para a aprendizagem e, por isso, precisa ser muito bem realizada.

Pensando na importância desta ação, este trabalho, de cunho bibliográfico, traz uma reflexão sobre métodos, processos e práticas avaliativas, o peso delas no ensino, assim como sua implicação para a efetivação ou não da aprendizagem em Língua Portuguesa, considerando, a partir de teorias, os impactos causados ao aluno que é exposto à determinada avaliação, observando não só os métodos e instrumentos, mas, também, questões extraclasse e extraescolares.

O tema abordado é um assunto que tem evoluído muito, porém, ainda nos dias de hoje é possível encontrar avaliações inadequadas, seja pela utilização de instrumentos não apropriados a determinadas turmas ou até mal formulados, como provas e trabalhos cujos enunciados são de difícil compreensão, por exemplo. Como observa Luckesi (2008, p. 26), “os professores elaboram suas provas para ‘provar’ os alunos e não para auxiliá-los na sua aprendizagem”, mesmo sabendo ser possível avaliar o conhecimento a partir da participação, da interação entre aluno e professor e outras inúmeras maneiras para trabalhar e identificar o que foi absorvido pelo discente.

Para tratar do assunto, começamos apresentando algumas considerações sobre avaliação que traz o documento oficial regulatório do ensino no Brasil hoje, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e reflexões de autores sobre a temática.

2 REFLETINDO SOBRE A AVALIAÇÃO

De acordo com o que postula a BNCC (BRASIL, 2018), para garantir as aprendizagens de cada etapa da educação básica, a base e os currículos têm atribuições integrantes, já que a aprendizagem só se concretiza a partir das decisões, tomadas em conjunto, que particularizam o currículo em ação. Tais decisões adequarão a BNCC à realidade local, levando em conta características e contextos dos alunos, além da autonomia das instituições escolares, decisões essas resultantes do processo de atuação da comunidade e das famílias que se referem a

construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos (BRASIL, 2018, p. 17).

Diante disso, os métodos avaliativos devem estar voltados para a identificação da aprendizagem do aluno, o que sugere que essa avaliação seja contextualizada e elaborada em conjunto, de modo que seja desenvolvida com base no que foi ensinado aos alunos.

Luckesi (2008) aborda sobre inúmeros métodos avaliativos e práticas de ensino desde o passado até a atualidade, lembrando que qualquer pessoa que tenha passado por uma sala de aula ou instituição de ensino foi exposta a algum método de avaliação, haja vista a necessidade de reconhecer o nível de aprendizagem escolar. Para o autor, isso reforça ainda mais a necessidade de esses métodos serem mais eficazes, de modo que não causem danos psicológicos ou

emocionais aos alunos, o que, é sabido, não é o que acontece na maioria das práticas. De acordo com Luckesi (2008),

os professores utilizam as provas como instrumentos de ameaça e tortura prévia dos alunos, protestando ser um elemento motivador de aprendizagem. Quando o professor sente que seu trabalho não está surtindo o efeito esperado, anuncia aos alunos: 'Estudem! Caso contrário, vocês poderão se dar mal no dia da prova'. Quando observa que os alunos estão indisciplinados, é comum o uso da expressão: 'fiquem quietos! Prestem atenção! O dia da prova vem aí e vocês verão o que vai acontecer' (LUCKESI, 2008, p.18).

A avaliação não se define como um mero método avaliativo, tampouco um simples ofício. Como aponta Freitas (2009, p. 7), "a avaliação é uma categoria pedagógica polêmica. Diz respeito ao futuro. Portanto, mexe com a vida das pessoas, abre portas ou as fecha, submete ou desenvolve, enfim é uma categoria permeada por contradições".

Não bastassem as questões diversas inerentes ao ato de avaliar, vivemos, nos últimos anos, uma realidade atípica devido à pandemia ocasionada pelo vírus SAS-Cov-2, que afetou a educação de uma forma geral, e, sobremaneira, a avaliação da aprendizagem. Neste contexto pandêmico, o uso de tecnologias digitais tomou proporção ainda maior, sem que houvesse, no entanto, um preparo para alunos e professores, para a escola como um todo, utilizar esses recursos. Para Kenski (2003, p. 45) "o impacto das novas tecnologias reflete-se de maneira ampliada sobre a própria natureza do que é ciência, do que é conhecimento", o que implica na necessidade de refletir sobre o conceito de saber e as formas de avaliar o ensino/aprendizagem. Mas não são só as tecnologias que impactam. Nas próximas seções, discorreremos mais a respeito.

3 FATORES QUE IMPLICAM NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: FOCO NA AVALIAÇÃO

A avaliação precisa ser repensada por alguns profissionais que a utilizam para gerar tensão, pois o medo de errar, além de vergonha, pode gerar traumas nos alunos. É dever do professor considerar o que o aluno aprendeu, e essa medida avaliativa que gera tensão, constrangimento, além de ineficaz, é intolerável. De acordo com o Art. 232 do Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA (BRASIL, 1990), "submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância a vexame ou a constrangimento" é passível de uma pena de detenção de seis meses a dois anos.

A pressão docente às vésperas das avaliações, principalmente quando o instrumento utilizado é a prova, pode causar pânico ao aluno. Além disso, a opção de provas de múltipla escolha, que facilitam a vida do professor, já que ele levará menos tempo para corrigir, acabam acontecendo, na verdade, sem o intuito de verificar o desenvolvimento da aprendizagem, acontecendo só para cumprir a metodologia padrão de sempre. Luckesi (2008, p. 23) lembra que "são realizadas conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino" e isso acaba impedindo que professores capacitados desenvolvam projetos que surtem efeitos positivos em relação à avaliação.

No entanto, não se deve generalizar. Estudos são feitos com frequência, projetos são elaborados, metodologias são aplicadas, há formações continuadas que contribuem e se preocupam em adequar a avaliação aos processos modernos, como pelo uso das tecnologias digitais citado anteriormente. Além disso, a educação evoluiu muito se compararmos ao ensino que os nossos pais ou os nossos avós tiveram, inclusive vale para como eles eram avaliados.

3.1 Fatores externos à escola que implicam na aprendizagem

Alguns fatores contribuem para uma aprendizagem inefetiva e para a organização de uma tomada mais precisa do quanto os alunos aprenderam.

Na região de Arapiraca, por exemplo, no período da colheita do fumo, há alunos que dormem no decorrer da aula por acordar muito cedo, às vezes para ajudar os pais em colheita de alimentos e por essa razão sentem necessidade de dormir mais. Outros alunos dependem de transporte e não são contemplados com auxílio ou com transporte público, e com isso desistem, por dificuldade financeira para manter a passagem. Muitos deixam de estudar por obstáculos às vezes solucionáveis por meio de políticas públicas adequadas.

Outro fator comum é a gravidez na adolescência e abusos principalmente vindos de familiares, os quais geram ansiedade e até depressão causando não só o baixo rendimento mais também o abandono.

A inserção prematura no mundo do trabalho obriga muitas crianças e adolescentes a conjugarem a escola com o trabalho, ou, até mesmo, a se dedicarem exclusivamente às atividades laborais, principalmente naquelas áreas onde a produção rural é predominante e a mão-de-obra infanto-juvenil mais utilizada, como o Nordeste e o Sul, do Brasil (CARVALHO, 2008, p. 558).

Diante dos problemas que os professores enfrentam, como o que já foi mencionado sobre ter de seguir algum padrão estabelecido pela escola e aplicar provas determinadas, existe também a questão da distribuição das turmas, como é o caso de superlotar uma sala de aula com quarenta ou mais alunos, por exemplo. Avaliar a aprendizagem de maneira adequada certamente será mais complexo perante essa circunstância, o que causa mais um empecilho para o professor.

O problema das salas lotadas contrapõe-se ao entendimento da educação como um trabalho pessoal, relacional, diferenciado e com ritmos variados e dependentes do perfil cognitivo dos alunos. As salas lotadas ampliam o desinteresse, o desrespeito e a indisciplina; por consequência, os docentes despendem muita energia para motivar, disciplinar e controlar, ao invés de canalizá-la ao aprendizado da turma. (ROSSO; CAMARGO, 2011, p. 279)

Os alunos do sexto ano vêm de uma metodologia diferente, geralmente têm um ou dois professores para todas as disciplinas, chegar aos anos finais do Ensino Fundamental, já faz com que o aluno tenha de se adaptar com essa mudança, então ser avaliado por mais de oito professores, que seria o caso de um professor para português, outro para matemática, outro para história, outro para geografia, e assim por diante, confunde a cabeça do aluno antes acostumado com a mesma metodologia avaliativa e o mesmo professor para todas as disciplinas.

Por isso a necessidade de os professores estarem todos interessados em um mesmo objetivo, a aprendizagem desse estudante. Um professor interessado na aprendizagem do aluno se dispõe a auxiliá-lo, pergunta se está sendo claro, quando não está, explica de maneira mais interacional.

Para as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2013, p. 20):

Mesmo no interior do Ensino Fundamental, há de se cuidar da fluência da transição da fase dos anos iniciais para a fase dos anos finais, quando a criança passa a ter diversos docentes, que conduzem diferentes componentes e atividades, tornando-se mais complexas a sistemática de estudos e a relação com os professores.

Por isso a necessidade de um planejamento por parte da equipe docente, juntamente com a gestão para o desenvolvimento de um currículo inovador para as turmas dos anos finais do ensino fundamental. Ainda a partir das DCNs (2013, p. 120) podemos concordar que

Os alunos, ao mudarem do professor generalista dos anos iniciais para os professores especialistas dos diferentes componentes curriculares, costumam se ressentir diante das muitas exigências que têm de atender, feitas pelo grande número de docentes dos anos finais. Essa transição acentua a necessidade de um planejamento curricular integrado e sequencial e abre a possibilidade de adoção de formas inovadoras [...]

Um professor que conhece sua turma, que tem como objetivo a aprendizagem, tem desejo de que o aluno aprenda, há de saber no que ele sentirá mais dificuldade, saberá qual o melhor método de ensino, a didática mais apropriada e a escolha da forma de avaliação. O método avaliativo deve ser desenvolvido de maneira conjunta, entre professor e escola, com base na necessidade do aluno. O que vem acontecendo, no entanto, é a imposição da escola, inclusive na forma de o professor trabalhar e isso impede que ele desenvolva um material adequado para aquele aluno.

Para cumprir a principal função da avaliação (ajudar o aluno por intermédio da inter-relação aluno/professor ao longo do processo de ensino e aprendizagem), é preciso que o professor avalie, não o aluno, mas o desenvolvimento do seu trabalho pedagógico. (BURIASCO, 2000, p. 158).

A obtenção de resultados positivos, no que se refere ao bom rendimento dos alunos, não envolve apenas métodos avaliativos, mas intenção do professor, interação entre ambos, levar em consideração a realidade social do aluno, assim como pesa a colaboração dos pais, estrutura familiar, enfim, um conjunto de ações, que somadas, abrangeria o conhecimento do aluno, que conseqüentemente teria resultados positivos.

O fato de trabalhar em uma sala superlotada impede que o professor identifique o meio em que o aluno está inserido. Problemas familiares, condição financeira, ansiedade e outros fatores que influenciam no resultado da avaliação do

aluno, por isso a dificuldade em lecionar para uma turma lotada e inserir seu meio social na didática escolar.

Outra implicação é o trabalho infantil, sabemos que o Art. 53. Do Estatuto da Criança e do Adolescente determina que “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”, além do Art. 7º da Constituição Federal que determina a proibição de qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade. Se o aluno estiver com a idade adequada, com 14 anos cursará o último ano do Ensino Fundamental, ou seja, o nono ano, o mesmo artigo fala sobre o trabalho como jovem aprendiz que é a partir dos 14, mas o trabalho não poderá ser realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola, isto é, deve ser no contra turno dos seus estudos.

Crianças começam a trabalhar muito cedo para ajudar a família, ou porque os pais obrigam, ou porque é uma família muito carente e isso também influencia no desenvolvimento do estudante se esse dorme pouco, pratica um trabalho braçal, o qual exige muito do seu esforço físico, fazendo com que esse aluno não tenha disposição para assistir à aula, não tenha capacidade de se concentrar já que seu corpo está exausto, e não por querer, mas por questão biológica.

Para Duarte (2013), há disparidade da qualidade da educação entre as escolas mesmo sendo algo contrário ao que é democrático à educação pública no Brasil e identifica ainda que a situação econômica está intimamente ligada à deficiência escolar, já que os indicadores educacionais permitem o conhecimento de que esse impacto nos direciona ao lugar de pobreza e de vulnerabilidade social.

Outra questão fundamental é o acesso às tecnologias. A pesquisa é uma das ferramentas que um professor pode utilizar como instrumento avaliativo, mas isso pode ser comprometido se considerarmos que há muitos alunos sem acesso à internet, como é o caso de alguns alunos que moram na zona rural, em povoados. Importa para o professor, neste caso, conhecer o meio em que o aluno está inserido, já que esse aluno não poderá ser prejudicado por algo que não depende dele. Além disso, os estudantes precisam desse contato com a pesquisa, com a informática, na escola, juntamente com um professor que os ajude a manusear um computador ou algum outro meio que possa realizar a pesquisa. Assim como existem alunos que não possuem acesso à internet, existem muitos alunos que têm e a utilizam inclusive na sala de aula.

Pesquisa de Silva (2015) aponta que as pessoas que não têm acesso à internet estão entre as classes mais baixas, pessoas com pouca escolaridade e pessoas da zona rural, essa sem número elevado. Boa parte dos principais motivos está na situação econômica e não poder pagar o acesso. “A internet representa hoje uma série de serviços e sustenta diversas funções” (SILVA, 2015, p. 158). A partir da internet, temos acesso a informações, estudos, pesquisas, jogos e outros, mas dados demonstram que o uso dela ainda depende da renda e escolaridade.

É possível observar que mesmo nos lugares onde o acesso à internet e seu uso apresenta um grande número, seu aproveitamento por parte de alunos e professores é pouco para o ensino/aprendizagem. Muitas razões impedem de espaços escolares realizarem atividades utilizando-se de computadores (KENSKI, 2015). Para a autora, apesar de ainda existir professor que resista ao uso da tecnologia, o fato de algumas escolas não usarem computadores nem sempre está ligado a essa razão, mas, sim, a questões mais abrangentes, como de políticas voltadas para esse acesso, por exemplo.

A escola precisa se unir a esse novo mundo. Com o avanço da tecnologia, o que favorece o acesso fácil a diversas informações e conhecimentos, a sociedade evolui e a escola tem de acompanhar essa evolução. A internet é considerada uma das ferramentas mais utilizadas hoje no mundo - se não, a mais usada. São milhões de pessoas conectadas as redes sociais, jogos, notícias e outros sites de entretenimento.

A avaliação da aprendizagem com uso da tecnologia não se separa das avaliações diagnósticas, somativas e formativas, ou seja, a tecnologia é o instrumento/recurso e os tipos de avaliação são estratégias metodológicas que, se bem direcionadas, podem promover o avanço em termos de avaliação para aprendizagem. (MONTEIRO; VASCONCELOS, 2021, p. 82).

Os autores apresentam possíveis instrumentos tecnológicos para utilizar como instrumentos avaliativos, entre eles o *webfólio* que permite o acesso de trabalhos fora da sala de aula, ajuda no desenvolvimento da habilidade de avaliar o desempenho de seu trabalho, juntamente com o professor. Os jogos, por exemplo, trazem flexibilidade e criatividade para o sistema educacional, podem atrair os estudantes quando usados como instrumento avaliativo (MONTEIRO; VASCONCELOS).

A sociedade tem um desafio a assumir, que é se abrir para as novidades educacionais, pois a tecnologia possibilita mudanças na estrutura do ensino/aprendizagem (KENSKI, 2003). Diante de um ensino de qualidade e interativo, de modo que o aluno se sinta atraído para estudar, é possível concordar que a avaliação será satisfatória e responderá às expectativas, já que o objetivo do ensino/aprendizagem foi atingido.

Se for bem gerenciado, partindo da experiência no período pandêmico com o uso e o acesso à internet, o uso do celular em sala de aula pode ser um grande aliado do professor e dos alunos para a aprendizagem e para criar instrumentos avaliativos seguros e efetivos. Muitas oportunidades de aprendizagem e de novos conhecimentos podem ser aproveitadas quando os alunos recorrem ao celular; Lopes e Pimenta (2016) defendem que

é imprescindível a participação e acompanhamento dos pais, professores e comunidade escolar na orientação dos jovens quanto ao uso de tais tecnologias, sobretudo pela oportunidade de transformá-lo em um forte aliado na educação de seus usuários, associando-o ao processo de aquisição de conhecimento, de forma que o estudante consiga ainda melhorar ou desenvolver novas habilidades cognitivas através do contato com os recursos aplicativos e midiáticos que essa tecnologia pode oferecer. (LOPES; PIMENTA, 2017, p. 56).

A tecnologia pode auxiliar no ensino/aprendizagem e pode também ser usada como instrumento avaliativo, contanto que a escola, os pais e os professores estejam atuando em conjunto no processo de uso e manuseio desse meio tecnológico.

É possível que existam alunos que resistam ao uso da tecnologia, ou não consigam acesso, pelos fatores já mencionados neste artigo. Quanto a isso, Kenski (2003) sugere o trabalho em grupos, proposta que tende a apresentar desafios

individuais e desafios do grupo que precisam ser solucionados no decorrer de cada aula, mas os grupos tendem a interagir mais virtualmente.

3.2A importância da clareza dos enunciados nos métodos avaliativos

Há determinadas ações que são específicas da profissão docente. Elaborar enunciados de atividades e de avaliações é uma delas e essa é outra razão para um resultado negativo em uma avaliação.

Sabe-se que os alunos devem ser preparados para ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) quando terminam o Ensino Médio, ou testes para o ingresso em Instituições Públicas como no caso de Alagoas, o IFAL (Instituto Federal de Alagoas), no qual os alunos cursam o Ensino Médio e um curso profissionalizante, como também o Colégio Militar onde cursam os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

É muito comum que os enunciados nestes tipos de testes sejam de difícil compreensão, inclusive muitas pessoas entram com recurso e algumas questões são anuladas. Os alunos alegam haver questões de duplo sentido, de difícil compreensão, enfim, nós como professores podemos prepará-los para estarem capacitados a compreender e responder tais perguntas.

De acordo com Araújo (2017) o ato de avaliar deve se associar intrinsecamente a um objetivo de ensino, indicando o que será avaliado. Isso, em grande parte das vezes, acaba não acontecendo. Ainda para a autora (2017, p. 20), “[...] definir um objetivo para a atividade favorece o processo de avaliação, pois o professor passará a ter um descritor, um parâmetro para correção.” Esses parâmetros devem basear-se, também, no nível de ensino. Para Moretto (2008, p. 144 apud ARAÚJO, 2019, p. 30),

Não existem limites perfeitamente definidos entre os níveis. O importante é saber que há situações cognitivas que exigem operações mentais de diferentes complexidades. Em função disso, recomendamos aos professores a elaboração de questões que provoquem diferentes tipos de operações mentais, desde as mais simples até as mais complexas. Essa atividade dará ao professor o constante e necessário retorno sobre as necessidades dos alunos, permitindo o replanejamento pedagógico.

Araújo (2017) sugere que sejam consideradas as seguintes questões:

Quadro 1 – Níveis de complexidade para Araújo

Níveis de complexidade	Domínios	Verbos relacionados
Básico	(Re)conhecimento: capacidade de identificação das propriedades fundamentais dos objetos de conhecimento apreendidos.	Identificar, nomear, assinalar, citar, relacionar, completar, observar.
	Compreensão: indicação de elementos que dão significado ao objeto de conhecimento, sua composição, finalidade, características etc.	Explicar, descrever, caracterizar.

Intermediário	Aplicação: transposição da compreensão de um objeto de conhecimento em caso específico, situação-problema etc.	Resolver, aplicar (com base no texto), transformar, explicar.
	Análise: percepção da inter-relação entre o todo e suas partes.	Analisar, examinar, decompor, escandir.
	Síntese: reorganização as partes de um todo.	Resumir, generalizar.
Avançado	Avaliação: emissão de juízo de valor sobre análises e sínteses efetuadas.	Julgar, justificar, apresentar argumentos.

Fonte: Araújo (2017)

Por fim, cabe ao professor criar enunciados bem elaborados; ensinar o aluno a ler esses enunciados. O aluno tem que saber interpretar o que é solicitado em cada exercício. O professor precisa dominar seu próprio enunciado. Enquanto não dominar esse gênero, que o qualifica ainda mais como protagonista de sua prática, estará à mercê de propostas de ensino homogeneizadas que não medem a aprendizagem e não ajudam o aluno a chegar ao seu destino pedagógico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As perguntas feitas nesse trabalho devem ser refletidas constantemente. A partir desta pesquisa, pudemos verificar alguns fatores que afetam os resultados da aprendizagem, focando especialmente na avaliação. O professor é mediador no processo da construção do conhecimento, em função disso, deve se comprometer com o acompanhamento desse desenvolvimento. É a partir da avaliação contínua que o professor pode acompanhar a aquisição de conhecimentos e habilidades, por meio da utilização de avaliações pertinentes aos níveis dos alunos, cujos enunciados sejam bem elaborados e claros.

O processo avaliativo é um fator importante para o ensino/aprendizagem, por isso deve ser elaborado utilizando critérios como o contexto que o educando está inserido, o conteúdo que foi instruído, de modo que ele seja estimulado e visando, principalmente, o desenvolvimento da aprendizagem desse aluno.

A participação coletiva da gestão, da equipe docente e da base familiar é um fator essencial para processo de avaliação como já foi mencionado nesse trabalho. Além de contribuir para a construção do conhecimento e do desenvolvimento de habilidades.

A avaliação não se restringe à atribuição de notas e questionários e provas não são os únicos instrumentos capazes de avaliar a aprendizagem. Podemos atribuir as avaliações a importância da implementação do meio tecnológico e da internet como uma possibilidade de ferramenta a ser usada como instrumento avaliativo. Foram identificados avanços no processo de avaliação, no decorrer do trabalho, quando a tecnologia entra em ação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denise Lino de. **Enunciado de atividades e tarefas escolares: modos de fazer**. São Paulo: Parábola, 2017.

BRASIL. (Constituição 1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 26 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada / Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC, 2018.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 25 fev. 2023.

BURIASCO, R. L. C de. Algumas considerações sobre avaliação educacional. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 22, p. 155-178, 2000.

CARVALHO, I. M. M. O trabalho infantil no Brasil contemporâneo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, 2008.

DUARTE, N. D. S. O impacto da pobreza no Ideb: um estudo multinível. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 94, n. 237, p. 343-363, 2013.

FREITAS, L. C. *et al.* **Avaliação Educacional: caminhando pela contramão**. Petrópolis: Vozes, 2009.

KENSKI, V. M. Educação e internet no Brasil. **Cad Adenauer**, v. 16, n. 3, p.133-150, 2015.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LOPES, P. A; PIMENTA, C. C. C. O uso do celular na sala de aula como ferramenta pedagoga: benefícios e desafios. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na educação Básica**, Recife, v. 3, n.1, p. 52-66, 2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proporções**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MOTEIRO, A. C.; VASCONCELOS, C. A. Tecnologia da informação e comunicação como instrumento de avaliação da aprendizagem. **Caminhos da Educação Matemática em Revista (online)**, v. 11, n. 3, p. 76-89, 2021.

ROSSO, A. J; CAMARGO, B. V. As representações sociais das condições de trabalho que causam desgaste aos professores estaduais paranaenses. **ETD-Educação Temática Digital**, v.13, n. 1, p. 269-289, 2011.

SILVA, S. P. Políticas de acesso à internet no Brasil: indicadores, características e obstáculos. **Cadernos Adenauer xvi**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 151-171. 2015.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, e acima de tudo, agradeço a Deus por ter me ajudado, não só como universitária, mas por me ajudar em todos os momentos da minha vida. Obrigada, Deus!

À minha família, que sempre esteve presente me dando forças para que eu não desistisse, agradeço também pela paciência e até pelos puxões de orelha. Em particular, à minha mãe, Fernanda Sampaio, por me educar e sempre acreditar em mim. À minha irmã, Tayna Sampaio, por me mostrar a importância da educação, e à Laura Sampaio, por me inspirar, a ser uma pessoa melhor.

Agradeço aos professores que se dispuseram a ajudar, especialmente Marcelo Marques e minha professora orientadora, Eliane Vitorino de Moura Oliveira.

Aos meus amigos e colegas de classe que contribuíram com trabalho, com auxílio e com companheirismo, em especial aos que participaram do Programa Residência Pedagógica comigo.

Por fim, agradeço a todos que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização desta conquista.